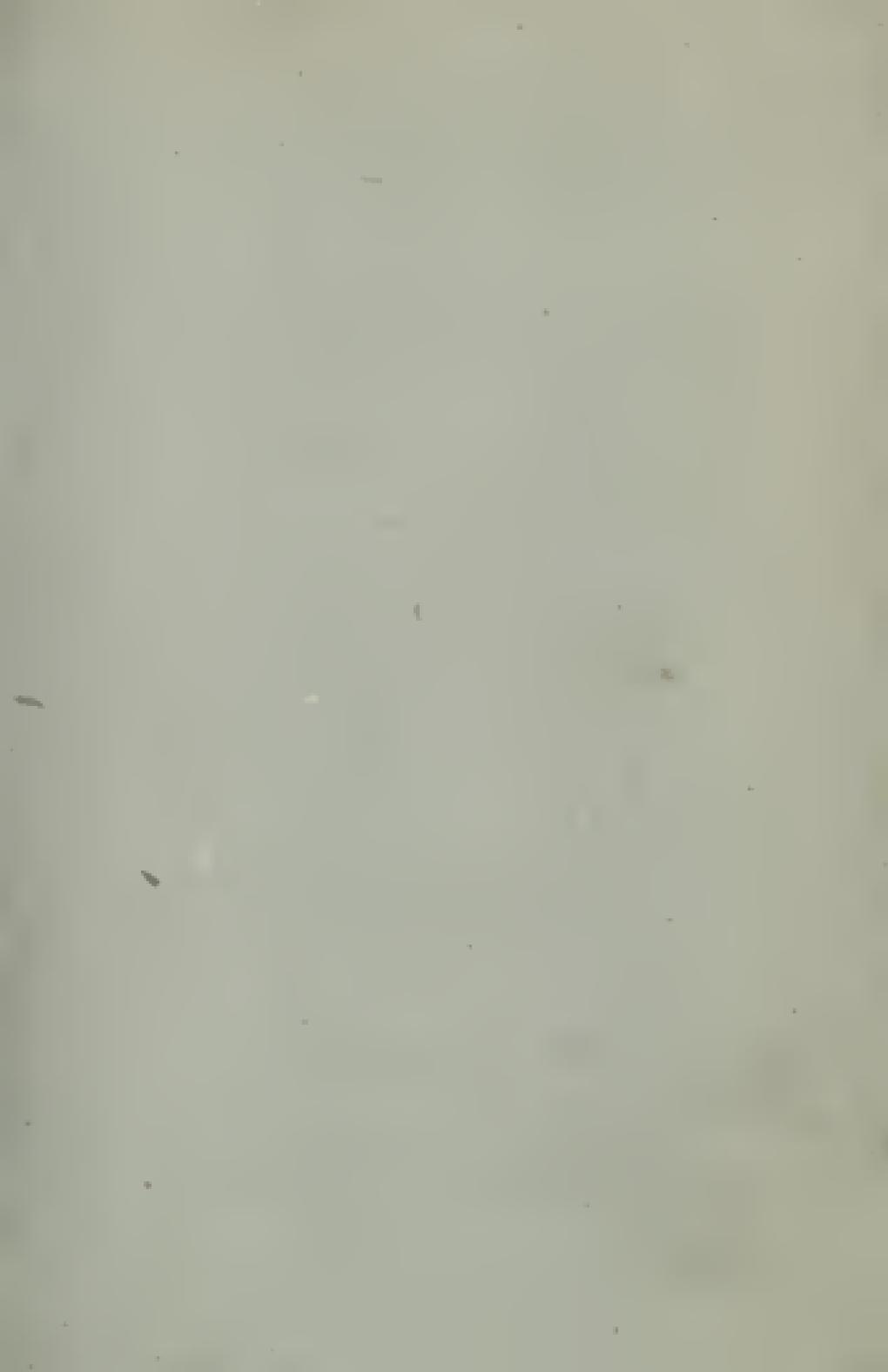


48

15618









M A R I L I A

D E

D I R C E O.

P O R T. A. G.

---

S E G U N D A P A R T E.

---

*Segunda Edição mais acrescentada.*



---

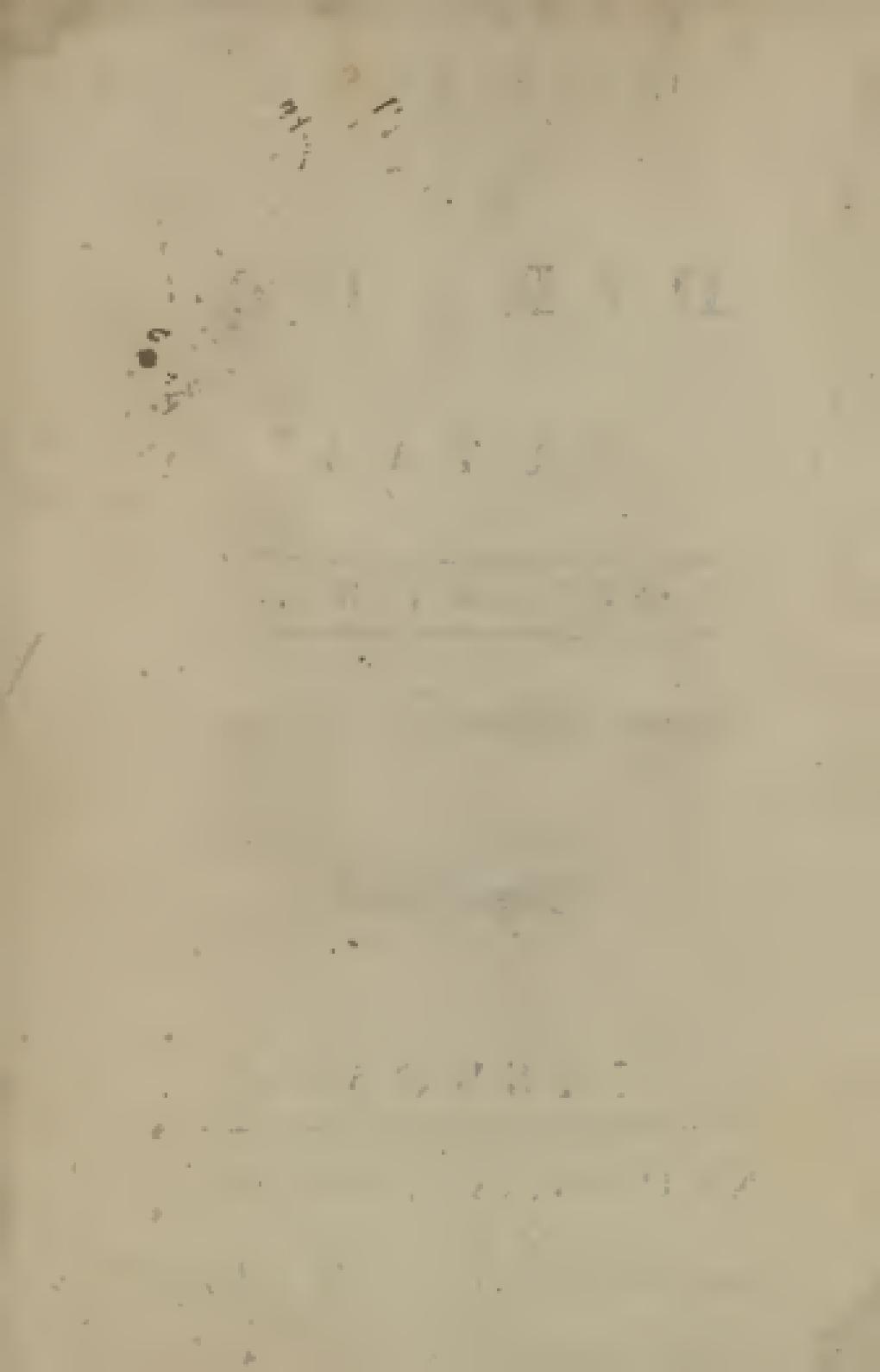
L I S B O A:

---

N A O F F I C I N A N U N E S I A N A.

A N N O M. D C C C I I I.

*Com licença da Meça do Desembargo do Pago.*



COMPRA



M A R I L I A  
· D E ·  
D I R C E O



L Y R A I. 76749\*

J A' não cíngio de loiro a minha testa;  
Nem sonoras Canções o Deos me inspira;  
Ah! que nem me resta  
Huma já quebrada,  
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado, em quê me vejo;  
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:  
Cumpro o seu desejo;  
E ao que resta sopra  
A paixão, e a arte.

*ent Juáver*

A fumaça , Marilia , da candéa ,  
 Que a molhada parejo ou çuja , ou pinta ;  
 Bemque tosca , e feia ,  
 Agora me pôde  
 Ministrar a tinta.

Aos mais preparam o discurso apronta ;  
 Elle me diz , que faça no pé de huma  
 Mão laranja ponta ,  
 E delle me sirva  
 Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não , não devo ;  
 Véras , Marilia , huma idéa nova :  
 Sim , eu já te escrevo ,  
 Do que esta alma dita  
 Quânto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura ,  
 Nada obra em te adorar , que assombro faça ;  
 Mostra mais temura  
 Quem te estima , e morre  
 Nas mãos da desgraça .

Nesta cruel masmorra tenebrosa  
Ainda vendo estou teus olhos bellos ,  
A testa formosa ,  
Os dentes nevados ,  
Os negros cabellos .

Vejo , Marilia , Sm , e vejo ainda  
A chusma dos Cupidos , que pendentes  
Dessa boca linda ,  
Nos arcos espalhão  
Suspiros ardentes .

Se alguem me perguntar onde eu te vejo ,  
Responderei No peito que huns Amores  
De casto desejo  
Aqui te pintarão ,  
E são bons Pintores .

Mal meus olhos te virão , ah ! nessa hora  
Teu Retrato fizerão , e tão forte ,  
Que entendo , que agota  
Só pôde apagallo  
O pulso da Morte .

Isto escrevia , quando , ó Céos , que pejo !  
 Descubro a lèr-me os versos o Deos loiro.

Ah ! dá lhes hum beijo ,  
 E diz-me que valem  
 Mais que letras de oiro.

## L Y R A II. 36 - 9

**E**sprema a vil calunia muito embora  
 Entre as mãos denegridas , e insolentes ,  
 Os venenos das plantas ,  
 E das bravas serpentes,

**C**hovão raios e raios ; no meu rosto  
 Não has-de ver , Marilia , o medo escrito :  
 O medo perturbado ,  
 Que infunde o vil delírio.

Pódem muito , conheço , pódem muito ,  
 As Furias infernaes , que Pluto move ;  
 Mas pôde mais que todas  
 Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,  
 A quem seu nome derão , a Narciso ;  
     Fez de muitos os Astros ,  
     Qu'inda no Ceo divisõ.

Elle pôde livrar-me das injurias  
 Do nescio , do atrevido, ingrato povo ;  
     Em nova flor mudar-me ,  
     Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céos por fins occultos  
 Em tão tyranno mal me não socorrem ;  
     Verás então , que os fabios ,  
     Bem como vivem , morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.  
 Tu , formosa Marilia , bem o sabes :  
     Hum coração , e basta ,  
     Onde tu mesma cabes.

L Y R A III; *M. J. G.*

**S**Ucede, Marilia bella,  
A' medonha noite o dia :  
A estação chuvosa e fria ,  
A' quente secca estação.

Muda-se a sorte dos tempos ;  
Só a minha sorte não ?

Os troncos nas Primaveras  
Brotão em flores viçosos ;  
Nos Invernos escabrosos  
Largão as folhas no chão.

Muda-se a sorte dos troncos ;  
Só a minha sorte não ?

Aos brutos, Marilia, cortão

Armadas redes os passos;

Rompem depois os seus laços,

Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos;

Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva

Alegre sempre o seu rosto;

Depois das penas vem gozo,

Depois do gozo afficção.

Muda-se a sorte dos homens;

Só a minha sorte não?

Aos altos Deuses moverão

Soberbos Gigantes guerra;

No mais tempo o Ceo, e a Terra

Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deuses;

Só a minha sorte não?

M. J. Guanid anexo

JO M A R I L I A

Ha de , Mariília , mudar-se  
Do destino a inelcencia :  
Tenho por mim a innocencia ,  
Tenho por mim a razão.

Muda-se a sorte de tudo ;  
Só a minha sorte não ?

O tempo , ó bella , que gasta  
Os troncos , pedras , e o cobre ,  
O véo rompe , com que encobre  
A' verdade a vil traiçáo.

Muda-se a sorte de tudo ;  
Só a minha sorte não ?

Qual eu sou , verá o mundo ,  
Mais me dará do que eu tinha ,  
Tornarei a ver-te minha :  
Que feliz consolação !

Não ha de tudo mudar-se ,  
Só a minha sorte não ,

## L Y R A IV. Ad. 70

Já, já me vai, Marilia, branquejando  
Loiro cabello, que circula a testa;  
Este mesmo, que alveja, vai caindo,  
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,  
E vão-se sobe os ossos enrugando,  
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;  
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;  
As forças dos meus membros já se gastão,  
Vou a dar pela casa hum, curto, pôso;  
Peso-me os pés, e arrasto,

Se algum dia me vires desta sorte,  
Vê que assim me não pôz a mão dos annos :  
Os trabalhos, Matilia, os sentimentos,  
Fazem os mesmos danos.

Mal te vir, me dará em poucos dias  
A minha mocidade, o doce gosto ;  
Verás <sup>verás</sup> burnir-se a pelle, o corpo encher-se ;  
    Voltar a cõr ao rosto.

No calmo Verão as plantas seccão ,  
Na Primavera , que aos mortaes encanta ,  
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho ,  
    Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece ;  
Mas logo que a doença fez seu termo ;  
Torna , Matilia , a ser quem era d'antes ,  
    O definhado enfermo.

*Suppô-me qual doente, ou qual a planta;*  
 No meio da delígraga, que me altera :  
 Eu tambem te supponho qual saude,  
 Ou qual a Primavera.

Se dão estes teus meigos, vivos olhos  
 Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores ;  
 Que effeitos não farão, em quem por elles  
 Sempre morto de amores ?

LYRA V. M. II

O S mares, minha bella, não se movem ;  
 O brando Norte assopra, nem diviso  
 Huma nuvem sequer na Esfera tóda ;  
 O destro Nauta aqui não he preciso ;  
 Eu só conduzo a não, eu só modéso  
 Do seu governo a toda.

Mas ah ! que o Sul carrega, o mar se empolja,  
 Raiga-se a vela , e mastaréo se parte !  
 Qualquer varão prudente aqui já teme ;  
 Não tenho a necessaria força , e ante.  
**Corra o fabio Piloto , corra , e venha**  
**Reger o duro leme.**

Como succede á gão no mar , succede  
 Nos homens na ventura , e na desgraça :  
 Basta ao feliz não ter total demencia ;  
 Mas quem de venturoso a triste passa ,  
 Deve entregar o leme do discurso  
 Nas mãos da sá prudencia.

Todo o Ceo se cubrio , os raios chovem ;  
 E esta alma , em tanta pena consternada ,  
 Nem sabe donde possa achar conforto.  
 Ah ! não , não tardes , vem , Marilia amada ,  
 Toma o leme da mão , matêa o panno ,  
 Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as fabias vozes :  
Eile me diz que soffra , se não morro ;  
E perco então , se morto , huns doces laços.  
Não quero já , Marilia , mais soccorro ;  
Oh ditofo soffrer , que luctar pôde  
A gloria dos teus braços !

---

*Mel - R.*  
L Y R A VI

D E que te queixas ,  
Lingua importuna ?  
De que a Fortuna  
Roubar-te queira ,  
O que te deu ?

Este foi sempre

O genio seu.

Levou, Marilia,  
 A impia sorte  
 Catoens à morte;  
 Nem sepultura  
 Lhes concedeu.

Este foi sempre  
 O genio seu.

A outros muitos,  
 Que vís nascêrão,  
 Nem merecerão,  
 A grandes thronos  
 A impia ergueu.

Este foi sempre  
 O genio seu.

Espalha a cega  
 Sobre os humanos  
 Os bens, e os danhos;  
 E a quem se devão  
 Nunca escolheu.

Este foi sempre  
 O genio seu.

A quanto he justo  
Já mais se dobra ;  
Nem igual obra  
C'os mesmos Deuses  
Do Céo Ceo. *claro*  
Este foi sempre  
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus  
N'hum carro vafano ;  
E cahe Vulcano  
Da pura esfera ,  
Em que nasceu.  
Este foi sempre  
O genio seu.

Mas não me rouba ;  
Bem que se mude ,  
Honra , e virtude :  
Que o mais he della ;  
Mas isto he meu.  
Este foi sempre  
O genio seu.

## L Y R A VII.

M Eu prezado Glauceste,  
 Se fazes o conceito ,  
 Que , bem que ríco , abrigo  
 A candida Virtude no meu peito.  
 Se julgas , digo , que mereço ainda  
 Da tua mão socorro ;  
 Ah ! vem dar-m'o agora ,  
 Agora sim que morro .

Não quero , que montado  
 No Pegaso fogoso ;  
 Venhas com dura lança  
 Ao monstro infame traspassar raivoso ;

Deixa que viva a perfida calúmnia ,  
 E forje o meu tormento :  
 Com menos , meu Glauceste ,  
 Com menos me contento .

Tema a lyra doirada,  
 E toca hum pouco nella:  
 Levanta a voz celeste  
 Em parte, que te escute á minha bella;  
 Enche todo o contorno de alegria;  
 Não soffras, que o desgôsto  
 Affogue em pranto amargo  
 O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glaucêste,  
 Que hum bom Cantor havia;  
 Que os bravos amansava;  
 Que os troncos, e os penedos attrahia;  
 De outro destro Cantor tambem affirma  
 A sabia Antiguidade,  
 Que as muralhas erguera  
 De huma grande Cidade.

Orfeo as còrdas feie;  
 O som delgado, e temo  
 Ao Rei Plutão abranda,  
 E o deixa, que penetre o fundo Avernô.  
 Ah, tu a nenhum cedes, meu Giaucêste  
 Na lyra, e mais no canto:  
 Pódes fazer prodigios;  
 Obtar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes :  
 Que mais , que mais esperas ?  
 Consola hum peito afflito ;  
 Que he menos inda , que domar as feras.  
 Com isto me darás no meu tormento  
 Hum doce lenitivo ;  
 Que em quanto a bella vive ,  
 Tambem , Glauceste , vivo.

L Y R A . VIII. M/5

**E**U vejo , ó minha bella , aquelle Numen ,  
 A quem o nome derão de Fortuna ;  
 Pega-me pelo braço ,  
 E com voz importuna  
 Me diz que move o passo ;  
 Que entre no grande Templo , em q se encerra  
 Quanto o destino manda ,  
 Que ella obre sobre a terra .

Que cousas portentosas nelle encontro !  
Eu vejo a pobre fundaçāo de Roma ;

Vejo-a queimar Carthago ;

Vejo que as gentes doma ;

E vejo o seu estrago.

Lá florece o poder do Assyrio Povo ;

Aqui os Médos crescem ,

E os perde hum braço novo.

Então me diz a Deosa : *É que pertendeis* R.  
*Todas estas Medalhas* ~~deis~~ *agora ?* aí, M.

*Ab ! não , não sejas louco !*

*Espaço de annos fôra*

*Para isso ainda ponco :*

*Deixa estranhos successos , vem comigo ;*

*Verás quanto inda deve*

*Acontecer contigo .*

Levou-me aonde estava a minha historiā ,

Que toda me explicou com modo , e ante-

*Tirei-te libras de ouro ,* Linhares - M. S.

*Me diz , e quero dar-te*

*Todo aquelle tesouro .*

Não suspira por bens hum peito nobre ;

Sevéro lhe respondeo ,

*Vivo affeito a ser pobre .*

Aqui me enruga a Deosa irada a testa,  
E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegra, alegra o rosto,*  
*Prosegue, alli te fago*  
*Restituir o posto.*

Respondo em ar de mósa, e tom sereno;  
*Conbeço-te, Fortuna,*  
*Posso morrer pequeno,*

*Aqui te dou, me diz, a tua amada:*  
Então me banho todo de alegria.

*Cuidei, me torna a cega,*  
*Que essa alma não queria*  
*Nem esta mesma entrega.*

He esse o bem, respondo, que me morre;  
*Mas este bem he santo,*  
*Vem só da mão de Jove.*

Queria mais fallar; eu insotrido  
Desta maneira rompo os seus accentos;

*Basta, Fortuna, basta;*  
*Estes breves momentos*  
*Lá n'ontras coisas gasta;*

*Da minha sorte n'ida mais contemplo,*  
E, chamando Marilia,  
*Suspiro, e deixo o Templo;*

(Lyras e canções)

## L Y R A IX.

**A** Estas horas  
 Eu procurava  
 Os meus Amores;  
 Tinhão-me inveja  
 Os maiores Pastores.

A porta abria,  
 Inda esfregando  
 Os olhos bellos,  
 Sem flor, nem fitta  
 Nos seus cabellos;

Ah! que assim mesmo  
 Sem compostura,  
 He mais formosa,  
 Que a estrela d'alva,  
 Que a fresca rosa.

Doce sono o dia  
 Sequeira o gásquo  
 Em que amávamos  
 Andava-a de saudade  
 Que talvez soubesse

O que fôr de feio  
 No que é louro  
 No que é tez  
 No que é sangue  
 Nos cabelos.

No que é branco  
 Pintasse a face  
 Sina e rica  
 Mais velho.  
 Deveria ter

Mal eu a via,  
Hum ar mais leve;  
(Que doce efeito!)  
Já respirava  
Meu terno peito.

Do cérc o apenas  
Soltava o gado ;  
Eu lhe amimava  
Aquella ovelha  
Que mais amava,

Dava-lhe sempre  
No rio, e fonte,  
No prado, e selva  
Agua mais clara,  
Mais branda relva

No collo a punha  
Então brincando  
A mim a unia;  
Mil cousas ternas  
Aqui dizia.

Mariia vendo ,  
Que eu só com ella  
He que fallava ;  
Ria-se a finto ,  
E disfarçava.

Não dava de si  
Deles deloue ,  
Pra um encontro  
Molhando o leito  
D'algodão.

Desta maneira  
Nos castos peitos ,  
De dia , em dia  
A nossa chamma  
Mais se accendia,

Ela botava-me  
Lá ovelha o filo  
Mais se cregava ;  
Tudo o que  
Villa casava.

Ah ! quantas vezes  
Nº chão sentado ,  
Eu lhe lavava  
As finas rócas ,  
Em que fiava !

Naquele dia só  
Ouvi que lhe  
Fazia mal à  
Alma que  
Nunca ouvira.

Da mesma sorte  
Que á sua amada ;  
Que está no ninho ,  
Fronteiro canta  
O passarinho.

Naquele dia só  
Que era pra  
Tão prático beijo ,  
Tão suave que  
Tão oce o leito .

Na quente festa,  
Della defronte,  
Eu me entretinha  
Móvendo o ferro  
Da fanfoninha,

Ella por dar-me  
De ouvir o gosto,  
Mais se chegava;  
Então vaidoso  
Assim cantava;

Não ha Pastora,  
Que chegar possa  
A minha bella;  
Nem quem me iguale  
Tambem na estrella:

Se Amor concede  
Que eu me recline  
No branco peito,  
E não invejo  
De Jove o leito;

Ornão seu peito sua alvorada abri.  
As sás virtudes, a alegria com a  
Que nos namorão; a alegria de um povo  
No seu semblante volve lei de  
As Graças morão,

Affim vivia;  
Hoje em suspiros  
O canto mudo:  
Affim, Marilia,  
Se acaba tudo.

## L Y R A X. № 17

**A**RDE o yejho bartil, arde a cabeça,  
Em honra de João na larga rua;  
O credulo Moitai agora indaga:  
Qual seja a forte sua?

Eu não tenho alcaxofra , que á luz chegue ,  
 E nella orvalhe o Ceo de madrugada ,  
 Para ver se rebentão novas folhas ,  
 Aonde foi queimada .

Tambem não tenho hum ovo , que despeje  
 Dentro de hum cópo d'agua , e possa nella  
 Fingir Palacios grandes , altas Torres ,  
 E huma Não à véla .

Mas, ah ! em bem me lèbre ; eu tenho ouvido  
 Que na bôca hum bochecho d'agoa tome ,  
 E atraz de qualquer porta atento cisteja ,  
 Até ouvir hum nome .

Que o nome , que primeiro ouvir , he esso  
 O nome , que ha de ter a minha amada :  
 Pôde verdade ser , se fôr mentira ,  
 Tambem não custa nada .

Vou tudo executar , e de repente  
 Ouvi dizer o nome de Filena :  
 Despejo logo a bôca : ah ! não sei como  
 Não morro alli de pena !

Apparece Cupido : então soltando  
Em ar de zombaria huma risada,  
*E que tal, me pergunta, esteve a peça?*

*Não foi bem pregada ?*

Ms.

Ms.

*Eu já te disse, que Marilia he tua:  
Tu fazes do meu dito tanta conta,  
Que vais acreditar, o que te enfina  
Velha mulber já tonta.*

Humble lhe responde : *Quê debaixo*

*Do açoite da tortina assidio gome, dor*

Ms.

*Nas mesmas cousas, que só saõ brinquinhos;*

*Se agorão males, teme.*

Maria 2130

## L Y R A XI.

**S**E acaso não estou no fundo Averno ;  
Padece , ó mihiha bella , sim padece  
O peito amante , e terno ,  
As afflícções tyrannas , que aos Precitos  
Arbitra Rhadamantho em justa pena  
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes , rangendo os dentes  
Com a mão descarnada não me applicão  
As raivosas serpentes.

Mas cercão-me outros monstros mais irados !  
Mordem-me sem cessar as bravas serpentes  
De mil , e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda  
Em lançar o penedo da montanha;

Ou em mover a roda:

Mas tenho ainda mais cruel tormento:

Por coisas que me affligem, roda, e gyra,

Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado

A's tépidas entranhas, não me come

Hum abutre esfaimado.;

Mas finto de outro monstro, a crueldade:

Devora o coração, que mal palpita,

O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo;

Que de mim se retirão, quando busco

Faltar o meu desejo:

Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato

Que lograr-te não possa, estando vendo

Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marilia bella;  
E n'humas cousa só he mais humana

A minha dura estrella:  
Huns não podem mover do Inferno os passos;  
Eu pertendo voar, e voar cedo  
A gloria dos teus braços.

L Y R A XII.

*M. J. G. 1810*

A H, Marilia, que tormento  
Não tens de sentir saudosa!  
Não pedem ver os teus olhos  
A campina deleitosa,  
Nem a tua mesma Aldêa,  
Que tyrannos não proponhão  
A inda inquieta idéa  
Humia imagem de afflição.

Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,  
 Teu ledo rebanho ao prado,  
 Tu dirás: *Aqui trazia*  
*Dirceo também o seu gado;*  
 Verás os sítios ditosos  
 Onde, Marilia, te dava  
 Doces beijos amorosos  
 Nos dedós da branca mão.

Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão.

Quando à janella sahires,  
 Sem quereres, descuidada,  
 Tu verás, Marilia, a minha;  
~~A~~ minha pobre morada.  
 Tu dirás então comigo:  
*Alli Dirceo esperava*  
*Para me levar consigo;*  
*E alli soffro a prisão.*

Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente  
 Do cárdo Glauceste a choça ;  
 Onde alegres se juntavão  
 Os poucos da escolha noffe ;  
 Pondo os olhos na varanda  
 Tu dirás de mágoa chês :  
 Todo o congresso alli anda ,  
 Só o meu amado naõ.

Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua  
 O meu companheiro honrado ,  
 Sem que me vejas com elle  
 Caminhar emparelhado ,  
 Tu dirás : Naõ foi tyranna  
 Sonante comigo a forte ;  
 Tambem cortou deshumana  
 A mais fiel união .

Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão.

Nunca mais morta metido,  
Eu não vejo imagens destas,  
Imagens, que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem separadas  
Dóis inchados, rôxos olhos,  
Ellão, que hê mais, retratadas  
No fundo do coração.

Também mando os surdos Deóles  
Tristes suspiros em vão.

## L Y R A XIII. *Mit 19*

Ves, Marilia, hum cordeiro  
De flores entramado,  
Como alegre caminha  
A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:  
A Pyra sacro-santa já se accende:  
O Ministro o fere; elle bala, e moire.

Vês agora o novilho,  
 A quem segura o laço ;  
 No chão as mãos espéca ,  
 Nem quer mover hum passo ?

Não conhece que sahe de hum mão terreno ;  
 Que o forte pulso , que a seguir o arrasta ,  
 O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto , como  
 Lhe dispomos a sorte ;  
 Hum vai forçado á vida ,  
 Vai outro alegre á morte :  
 Nós temos , minha bella , igual demencia ;  
 Não sabemos os fins , com que nos move  
 A sábia , oculta Mão da Providencia.

De Jacob zo bom filho  
 Os māos matar quizerão :  
 De conselho mudáráo ,  
 Como escravo o vendráo :  
 José não corre a ser hum servo afflitó :  
 Vai subindo os degráos , por onde chega  
 A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino  
 Hoje, ó bella, me prende,  
 Só porque nisto de outros  
 Mais danos me defende?  
 Pôde ainda raiar hum claro dia.  
 Mas quer raiar; quer não, ao Ceo adoro;  
 E beijo a santa mão, que assim me guia.

## (n) LYRA XIV.

**A**lma digna de mil Avôs Augustos!  
 Tu sentes, tu soluças,  
 Ao ver cahir os justos;  
 Honras as santas leis da Humanidade:  
 E dos teus exemplos deve      *H.D.*  
 Gravar com letras de ouro no seu Templo  
 A candida Amizade.

(n) Esta Lyra foi feita *at. 1.*  
 a Fr. *Gregorio Díaz* *Bordoni*  
*doz. d. - Gato*

Não he , não he de Heróe huma alma forte ,  
 Que vê com rosto enxuto  
 No seu igual a morte,

Não he também de Heróe hum peito duro ,  
 Que a sua gloria firma ,

*M.L.* Em que lhe não resiste ao ferro , e fogo ,  
 Nem legião , nem moro .

Oh ! quanto ousado Chefe me namora ,  
 Quando vê a cabeça  
 Do bom Pompeo , e chora !

He grande para mim , quem move os passos ,  
*M.L.* E dê Dario aos filhos ,  
 Que como escravos seus tratar poderia ,  
 Recebe nos seus braços .

Se alcança Eneas , Capitão piedoso ,  
 Entre os Heróes do Mundo  
 Hum nome glorioso ,

Não he , porque levanta huma cidade ;  
 He sim , porque nos hombros  
 Salvou do incendio ao Pai , a quem deixinha  
 A mão da branca idade , *longar*

*c. longar*

Ah ! se o meu contrario entre as chamas vira,  
Eu mesmo , sim , da morte  
Aos hombros o remira :

Inda por elle muito mais obrâra :  
E se nada servisse , ~~podia~~ M S  
Fizera então , Amigo , o que fizeste ;  
Gemera , e suspirava

Oh ! quanto são duraveis as cadeas  
De huma amizade , quando  
Se dão iguaes idéas !

Se a pezar dos estorvos se sustinha  
Nossa união sincera ,

Foi por ser a minha alma igual à tua ,  
E a tua igual à minha

Se , ô caro Amigo , te merece tanto ,  
Lá lhe fica a sua alma ,  
Limpa-lhe o terno pranto .

De quem eu fallo , és tu , Marilia bella .  
Ah ! sim , honesto Amigo ,  
Se enxugar não poderes os seus olhos ,  
Prantea então com ella .

L Y R A XV. *M. 22*

**E**U, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;  
 Fui honrado Pastor da tua Aldêa;  
 Vestia finas lás, e tinha sempre  
 A minha chôça do preciso chêa.  
 Tirarão-me o casal, e o manço gado,  
 Nem tenho, a que me encóste, hum só cajado.

*M. 22.* Para ter, que te dar, he que eu queria  
 De mór rebanho ainda ser ó dono;  
 Prezava o teu semblante, os teus cabellos  
 Ainda muito mais que hum grande Throno.  
 Agora que te offerte já não vejo  
 Além de hum puro amor, de hum só desejo.

Se o rio levantado me causava ,  
Levando a sermenteira , prejuízo ,  
Eu alegre ficava ; apenas via  
Na tua breve boca hum ar de riso .  
Tudo agora perdi ; nem tenho o gôsto  
De veste ao menos compassivo o riso .

Propunha-me dormir no teu regaço  
As quentes horas da comprida festa ,  
Escrever teus louvores nos olmeiros ,  
Toçar-te de papoilas na floresta .  
Julgou o justo Ceo , que não convinha ,  
Que a tanto grão subisse a gloria minha .

Ah , minha bella , se a Fortuna volta ,  
Se o bem , que já perdi , alcanço , e proveo ;  
Por essas brancas mãos , por essas faces  
Te juro renascer hum homem novo ;  
Romper a nuvem , que os meus olhos cerrá ,  
Amar no Ceo a Joye , e a ti na terra .

Fiadas comprarei as ovelhinhas,  
 MS. Que pagarei <sup>dos</sup> poucos do meu ganho;  
 E dentro em pouco tempo nos veremos;  
 Senhores outra vez de hum bom rebanho.  
 Para o cantagrio lhe não dar, sobejamente  
 Que as affague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lá, e pelles finas,  
 Podem mui bem cobrir as carnes nossas;  
 As pelles dos cordeiros mal corridas,  
 E os pannos feitos com as lás mais grossas.  
 Mas ao menos será o ten vestido  
 Pormáos de amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente festa  
 Com canas, e com cestos os peixinhos;  
 Nós iremos caçar nas manhãs frias  
 Com a vara envigada os passarinhos.  
 Para nos divertir faremos quanto  
 Reputa o yarão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de ferão nos sentaremos  
C'os filhos, se os tivermos, à fogueira;  
Entre as falsas historias, que contares,  
Lhes contarás a minha verdadeira;  
Pasmداos te ouvirão; eu entre tanto  
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,  
Nos mostrarei c'o de o os mais Pastores,  
Dizendo huns para os outros: *Olha os nossos*  
*Exemplos da desgraç*t*, e sãos amores,*  
Contentes viviremos desta sorte,  
Até que chegue a hum dos dois a morte.

L Y R A XVI. M.J. 21

*Lu seiz* **V**ejo, Marília,  
*M.J. 21. B.* Que o nédeo gado  
Anda disperso  
No monte, e prado;  
Que assim succede  
Ao desgraçado,  
Que a perder chega  
O seu Pastor.  
Mas inda soffro  
A viva dôr,

Também conheço,  
Que os Pegureiros,  
Que apascentavão  
Os meus cordeiros,  
Darão suspiros,  
E verdadeiros;  
Porque perderão  
Hum pai no amor.  
Masinda soffro  
A viva dôr.

Eu mais alcançó;  
Que a minha herdade;  
Estando eu prezo,  
Soffrer não ha-de  
Nem a charrua,  
E nem a grade;  
Que a mão lhe falta  
Do Lavrador.  
Masinda soffro  
A viva dôr.

Mas quando fôbe  
A' minha idêa,  
Que tu ficaste  
Lá nessa Aldêa  
De mil cuidados  
E mágoa cheia,  
Das paixões minhas  
Não sou senhor.  
Eu já não sofro  
A viva dôr.

A quanto chega  
A pena forte !  
Peza-me a vida,  
Desejo a morte,  
A Jove accuso,  
Maldigo a forte,  
Trato a Cupido  
Por hum traidor,  
Eu já não sofro  
A viva dôr.

Mas este excesso

Perdão merece,

E delle Jove

Se compadece :

Que Jove, ô bella,   

Mui bem conhece,

Aonde chega

Paixão de amor.

Eu já não soffro

A viva dôr.

O pôr do sol é lindo, é lindo, é lindo

É lindo, é lindo, é lindo, é lindo

É o pôr do sol é lindo, é lindo, é lindo

É lindo, é lindo, é lindo, é lindo

## L Y R A XVII.

**D**iscreto te deixa, ó bela,  
De padecer cançado:  
Frio suor já banha  
Seu rosto descorado:  
**O**sangue já não gyra pela vêa;  
Seus pulsos já não batem;  
**E**a clara luz dos olhos se bactea;  
**A** lagrima sentida já lhe corre;  
Já pára a convulsão, suspira, e morte.

Seu espirito chega  
 Onde se pune o erro :  
 Late o cão , e se lhe abrem  
 Grossos portões de ferro.  
 Aos severos Juizes se appresenta ,  
 E com sentidas vozes  
 Toda a sua tragedia representá :  
 Enche-se de ternura , e novo espanto  
 O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pañado a bôca ,  
 E à pedra não despede ;  
 Outro já não se lembra  
 Da fome , e mais da sede :  
 Descança o curvo bico , e a garra impia  
 Negro abutre esfaimado :  
 Nem na róca tre longa a Pasca fia :  
 Até as mesmas Furias inclementes  
 Deixão cahir das unhas as serpentes.

M. J. Já voltão os Juizes;  
E o Rei Plutão lhe ordena  
Deixe o sitio, cm que ficão  
Almas dignas de pena.

Já sahe do escuro Reino, e da memória  
Lhe passa tudo quanto  
On pôde dar-lhe mágoa, ou dar lhe gloria.  
Só, bem que o gôsto ás turbas agoas tome,  
Inda, Marilia, ainda diz seu nome.

Entra já nos Elysios,  
Campinas venturolas,  
Que mansos rios corrão,  
Que cobrem sempre as tosas.  
Escuta o canto das sonoras aves,  
E bebe as agoas putas,  
Que o mel, e do que o leite mais suaves.  
*Aqui, diz elle, espero a minha bella;*  
*Aqui contente vivirei com ella.*

Aqui... porém aonde  
Me leva a Jôr activa?  
He illusão dessa alma;  
Jove iñda quer que eu viva.  
Eu devo sim gozar teus doces laços;  
E em paga dos meus males,  
Devo morrer; Marilia, nos teus braços!  
Então eu passarei ao Reino amigo,  
E tu irás depois lá ter comigo.

---

L Y R A XVIII. *M. 25*

N  
Aó mólho, Marilia,  
De pranto a masmorra,  
Que o temo Cupido  
Não vœ, e não corrá,  
Ahilo apanhai,  
Estende-o nas aças,  
Sobre elle suspira,  
Por fim se retira,  
E vai-to levar.

Se o moço não mente,  
 (a) Aos tristes gemidos,  
 Aos ais lastimolos.  
 Não guardes unidos,  
 Marilia, c'os teus:  
 As lagrimas nossas  
 No seio amontoa,  
 Fórmam zezas, e voz,  
 Vai po-las nos Ceos.

A Deosa formosa,  
 Que amava aos Troianos,  
 Livrar-los querendo  
 De riscos, e danos,  
 A Jove buscou.  
 As águas, que o rosto  
 Da Deosa banhárao;  
 A Jove abrandárao,  
 E assim os salvou.

(a) { Se o moço não mente  
 Os tristes gemidos  
 Os ais lastimolos  
 Os guarda unidos

Confia-te, ó bella,  
Confia-te em Jove ;  
Ainda se abranda,  
Ainda se move  
Com ancias de amor.  
O pranto de Venus,  
Que obrou no Pai tanto,  
Não tem que o teu pranto  
Apreço maior.

## L Y A R XIX.

M. 27

N Esta triste malmorra,  
De hum semivivo corpo sepultura,  
Inda, Marilia, adoro  
A tua formosura.  
Amor na minha idéa te retrata ;  
Busca extremoso, que eu assim resista  
A' dor imensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,  
Então mais vivamente te diviso:

Vejo o teu rosto, e escuto  
A tua voz, e riso.

Movo ligeiro para o vulto os passos;  
Eu beijo a tibia luz em vez de face;  
E aposto sobre o peito em vão os braços,

Conheço a illusão minha;  
A violencia da mágoa não suporro;

Foge-me a vista, e caio,  
Não sei se vivo, ou morto,  
Enternece-se Amor de estrago tanto;  
Reclina-me no peito, e com mão ternâ  
Me limpa os olhos do salgado pranto,

Despois que represento  
Por largo espaço a imagem de hum defunto,

Movo os membros, suspiro,  
E onde estou pergunto.

Conheço então que Amor me tem comigo;  
Ergo a cabeça, que irda mal sustento,  
E com doente voz assim lhe digo,

*Se queres ser piedoso,  
Procura o sitio, em que Mariliz mora,  
Pinta-lhe o meu retrato,  
E vê, Amor, se chora.  
Se a lagrimas verter a d'ir a arrasta;  
Huma delas me traze sobre as penas;  
E para allivio meu só isto basta.*

---

L Y R A XX. *M. - 32*

**S**E me visses com teus olhos  
Nesta másmorra metido,  
De mil idéas funestas,  
E cuidados combatido:  
Qual seria, ó minha bella,  
Qual seria o teu pezar?

A<sup>r</sup> força da dôr cedêra  
 E nem estaria vivo,  
 Se o menino Deos vendado,  
 Extremoso, e compassivo  
 Com o nome de Marilia  
 Não me viesse animar.

M.J.  
 Deixo a cama ao romper dálva;  
 O meio dia tem dôdo,  
 E o cabello ainda fluiá  
 Pelas costas desgrenhado.  
 Não tenho valor, não tenho,  
 Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: E Marilia  
 Não estima esse cabello?  
 Se o deixas perder de todo,  
 Não se ba de enfadir ao velo?  
 Suspiro, pego no fente,  
 Vou logo o cabello atar.

Vem hum taboleiro entrando  
De varios manjares cheio ;  
Põe-se na meza a toalha ,  
E eu pensativo passeio :  
De todo o comer esfria ,  
Sem nello poder tocar.

*a*  
Eu entendo que matar-te ,  
Diz amor , te tens proposto ;  
Fazes bem : terá Marilia  
Desgôsto sobre desgôsto .  
Qual enfermo c' o remedio ,  
Me afflijo , mas vou jantar .

Chegão as horas , Marilia ,  
Em que o Sol já se tem posto ;  
Veni-me á memoria que nellas  
Via á janella o tes rosto :  
Reclino na mão a face ,  
E entro de novo a chorar .

Diz-me Cupido : Já basta,  
 Já basta , Dirceo , de pranto ;  
*Em obsequio de Marilia*  
*Vai erguer seu doce canto.*  
 Pendem as fontes dos olhos ,  
 Mas eu sempre vou cantar.

*Talha m.  
M. J.*

Vem o Forçado accender-me  
 A velha , cuja candela ;  
 Fica , Marilia , a masmorra  
 Inda mais triste , e mais feia ,  
 Nem mais canto , nem mais posso  
 Huir a ló palavra dar.

Diz-me Cupido : São horas  
 De escrever-se o que está scrito ;  
 Do azeite , e da sumoça  
 Huma nova tinta ageito ;  
 Tomo o pão , que pena finge ,  
 Nou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono ,  
Canta-o Galo a vez terceira ;  
Eu digo ao Amor , que fico  
Sem deitar-me a noite inteira ;  
Faço mimos , e promessas  
Para elle me acompanhar,

Elle diz , que em dormir cuide ,  
Que hei-de ver Marilia em sonho ;  
Não respondo huma palavra ,  
A dura cama componho ,  
Apago a triste candèa ,  
E vou-me logo deitar.

Como pôde a taes cuidados  
Resistir , ó minha Bella ,  
Quem não tem de Amor a graça ?  
Se eu , que vivo à sombra della ,  
Inda vivo desta sorte ,  
Sempre suje a suspirar ?

L Y R A. XXI. M/33

Que diversas que são , Marilia , as horas ,  
Que passo na masmorra immunda , e fèa ,  
Dessas horas felices , já passadas  
Na tua patria Aldéa !

Então eu me ajuntava com Glaueste ;  
E à sombra de alto Cédro na Campina  
Eu versos te compunha , e elle os compunha  
A' sua chata Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva ;  
De exceder hum ao outro qualquer trata ;  
O écco agora diz : *Marilia terna* ;  
E logo : *Eulina ingrata*.

Deixão os mesmos Satyros as grutas :  
Hum para nós ligeiro move os passos :  
Ouve-nos de mais perto , e faz a flauta  
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo , clama hum Pastor ab ! tem merece  
Da teriffissima Marilia a formosura. *conf. M.*  
E aonde , clama o outro , quer Eulina *Ovidio*  
Achar maior ventura ?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho ,  
Em quanto em nós durava esta profia.  
E ella , ó minha amada , só fundava , *M. S.*  
Depois de acabar-se o dia. *No acaba-se o dia*

A noite te escrevia na cabana  
Os versos , que de tarde havia feito ;  
Mal tos dava , e os lias , os guardavas  
No casto , e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa ;  
Banhados com as lagrimas do gosto ,  
Jurava não cantar mais ourras graças ,  
Que as graças do teu rosto .

Ainda não quebrei o juramento ,  
Eu agora , Matilia , não as canto ;  
Mas inda vale mais que os doces versos  
A voz do triste pranto .

## L Y R A XXII.

Tr. M.S.

Por morto, Marilia,  
Aqui me reputo:  
Mil vezes escuto  
O som do arrastado,  
E duro grilhão  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

A chave já sóa  
Na porta segura:  
Abre-te a escrava,  
Infame masmorra  
Da minha prisão.  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

(4) Já Torres se assenta;  
 Carrega-me o resto;  
 Do crime supposto  
 Com mil artifícios  
 Indaga a razão.  
 Mas, ah! que não treme,  
 Não treme de susto  
 O meu coração!

Eu vejo, Maria,  
 A mil innoentes,  
 Nas Cruzes pendentes  
 Por falsos delícios,  
 Que os torrens lhes dão.  
 Mas, ah! que não treme,  
 Não treme de susto  
 O meu coração.

(n) José Pedro Corrêa Machado  
 Dousy-Torres entrou no Distrito, fizeram  
 Despedidas ao Rio e Viam

Só penso que posso

Perder o gozar-te,

A gloria de dar te

Abraços honestos,

E beijos na mão.

Marilia, já treme,

Já treme de susto

O meu coração.

Repara, Marilia,

O quanto he mais forte;

Ainda que a morte,

N'um peito esforçado

De amor a paixão.

Marilia, já treme,

Já treme de susto

O meu coração.

L Y R A . XXIII. 5 - 115

**N**ão praguejes, Marilia, não praguejes  
A justiciera maó, que lança os ferros:  
Não traz de balde a vingadora espada;  
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem  
As mãos se derão, e em seu peito morião.  
Manda prender ao Réo austera a bôca;  
Porém seus olhos chorão.

Se à innocencia denigre a vil calumnia,  
Que culpa aquelle tem, que applica a penha?  
Não he o Julgador, he o processo,  
E a lei, quem nos condena.

Só no Averno os Juizes não recehem  
Accusaçáo , nem prova de outro humano ;  
Aqui todos confessão suas culpas ,  
Não pôde haver engano.

Eu vejo as Fúrias affligindo aos tristes :  
Huma o fogo chega , outra as serpes move ;  
Todos maldizem sim a sua estrella ,  
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe ,  
Bem que a prizão me dâ , que eu não mereço :  
Qual eu sou , minha bella , não me trata ,  
Trate-me , qual pareço .

Quem suspira , Matilia , quando pune  
Ao vassallo , que julga delinquente ,  
Que gôito não terá , podendo dar-lhe  
As honras de innocent?

(a)

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos  
 Nas sás virtudes, que no peito abrigas:  
 Não honras tam sómente a quem premeias,  
 Honras a quem castigas.

## L Y R A XXIV. M. 34

**E**U vou, Marilia, vou brigar co' as feras?  
 Huma soltarão, eó lhe sinto os passos;  
 Aqui, aqui a elpero  
 Nestes despidos braços.

He hum malhado tigre; a mim já corre,  
 Ao peito o aperto, estalão-lhe as costelas,  
 Desfallece, cahe, uria, treme, e morre.

(a) Tr. hum. M. S. j. biss. - Tu vences ge' ibrouza-  
 laur de Vasc. Souto, Mus. J. de Haentz. A  
 Paris.

Vem agora hum Leão : sacode a grenaça,  
Com farnienta paixão a mim se lança ;

Venha emberça ; que o pulso  
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta , a lingua estira ,  
O corpo lhe fraquena , os olhos inchão ,  
Açoita o chão convulso , arqueja , e espira .

Mas que vejo , Marilia ! Tu te assustas ?  
Entendes que os destinos inhumanos  
Expõem a minha vida

No cérco dos Romanos ?

Com ursos , e com onças eu não luto.  
Luto c' o bravo monstro , que me accusa ,  
Que os tigres , e leões mais fero , e bruto.

Embora contra mim reivofo esgrima  
Da vil calunia a corradora espada ;

Huma alma , qual eu tenho ,  
Não se recêa a nada.

Eu hei de , sim , ponir-lhe a insolencia ,  
Pizar-lhe o negro collo , abrir-lhe o peito  
C' as armas invenciveis da innocencia .

*Círcos*

? Ah ! quando imaginar , que vingativo  
 Mando que desça ao Tartaro profundo ,  
 Hei de com mão honrada  
 Erguer-lhe o corpo immundo .  
 Eu então lhe direi : *Infame , indômero ,*  
*Obras com coftura o vil humano ;*  
*Fago , o que faz bum coração divino ,*

## L Y R A XXX.

Minha Marilia ,  
 O passarinho ,  
 A quem roubaram  
 Ovos , e ninho ,  
 Mil vezes popa  
 No seu raminho ,  
 Piando finge  
 Que anda a chorar ,  
 Mas logo vôa  
 Pela espeffura ,  
 Nem mais procura  
 Este lugar .

|                   |                    |
|-------------------|--------------------|
| Se acaço a vacca  | O avo's Tchulo,    |
| Perde a vitela,   | Que o falso confe, |
| Tambem nos mostra | Que os delitos Rio |
| Que se desvela;   | Desvão o nome,     |
| O pasto deixa,    | Tampem, Missis     |
| Muge por ella,    | Tampem conlome     |
| Até na estrada    | Deserto qd beijo   |
| A vem buscar.     | Gordel beijo.      |
| Em poucos dias,   | Yá ! olho loko !   |
| Ao que parece,    | Yá meti munguio    |
| Della se esquece, | Yoi yiu-moumento   |
| E vai pastar,     | Yillio est.        |

O voráz Tempo ,  
Que o ferro come ,  
Que aos mesmos Reinos  
Devora o nome ,  
Tambem , Marilia ,  
Tambem consome  
Dentro do peito  
Qualquer pezar.  
Ah ! só não pôde  
Ao meu tormento  
Por hum momento  
Allivio dar.

Tambem , ó bella ,  
Não ha quem viva  
Instantes breves  
Na chamma activa ;  
Derrete ao bronze ,  
Sendo excessiva ,  
Ao mesmo seixo  
Faz estalar.

Mas do amianto  
A fèbra dera  
Na chamma atura  
Sem se queimar.

Tambem ; Marilia ,  
Não ha quem negue ,  
Que bem que o fogo  
Nos olcos pegue ,  
Que bem que em linguas  
A's nuvens chegue ,  
A' força d'agua  
Se ha de apagar.  
  
Se a negra pedra  
Nós accendemos ,  
Com agua a vemos  
Mais s' inflamar.

O meu discurso;

Manilia, he recto:

A pena iguala

Ao meu affe<sup>o</sup>to.

O amor, que nutro;

Ao teu aspecto,

E o teu semblante,

He singular.

Ah! nem o tempo;

Neminda a morte

A dôr tão forte

Pôde acabar.

A dor que sinto não é de morte,

É de querer sempre a tua mão,

E que a tua mão possa sempre

Paras daquele o amor.

## L Y R A XXVI. M.Y. 76

**A** Quelle, a quem fez cégo a natureza,  
**C'**o bordão palpa, e sos que vem pergunta;  
Ainda se despenha muitas vezes,  
E douz remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;  
Sim me queixo de que má céga seja:  
Céga, que nem pergunta, nem apalpa;  
Ho porque errar deseja.

(a)

A quem gastar não sabe, nem se animo,  
Entrega as groilhas chaves de hum tesouro;  
E lança na miseria a quem conhece,  
Para que serve o oiro.

(a) faltou

Agem nos tempos, os talentos  
Olo, Marilia, po d'ho septos ho  
Gra o'ho pobre boro hui almeida  
Hoc sator n'ho tempo

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,  
Que atrás do vicio em liberdade corrê;  
Eu hóro as leis do Imperio, ella me opprime  
N'esta vil masmorra;

Mas ah! minha Matilia, que esta queixa  
Co' a solida razão se não coaduna;  
Como me queixo da Fortuna tanto,  
Se sei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa;  
Que os Sábios fingem, que huma roda move;  
He só a occulta mão da Providencia,  
A sábia mão de Jove.

Nós he, que somos cégos, que não vemos;  
A que fins nos conduz por estes modos;  
Por torcidas estradas, ruins varedas  
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditâs;  
 C' o seu merecimento o virtuoso;  
 Parecer desgraçado, ó minha bella,  
 He muito mais honroso.

## L Y R A XXVII. M. 26

**A** Minha amada  
 He mais formosa,  
 Que branco lyrio,  
 Dobra da rosa,  
 Que o cinnamome,  
 Quando matiza  
 Co' a folha a flor.  
 Venus não chega  
 Ao meu Amor.

Vasta campina  
De trigo cheia,  
Quando na festa  
C' o vento ondela,  
O seu cabello,  
Quando flutua,  
Nao he igual.  
Tem a cot negra:  
Mas quanto val!

Os astros , que andao  
Na esfera pura ,  
Quando scintillao  
Na noite escuta ,  
Nao sao , humanos ,  
Tao lindos , como  
Seus oculos sao.  
Que so Sol excedem  
Na luz , que dão,

A's brancas faces,  
Ah! não se atreve  
Jasmim de Itália,  
Nem inda a neve,  
Quando a desata  
O Sol trilhante  
Com seu calor.  
São neve, e causão  
No peito ardor.

Na breve hóca  
Vejo enlaçadas  
As finas perolas  
Com as granadas;  
A par dos beiços  
Robins da Índia  
Tem preço vil.  
Nelles se agarrão  
Amores mil.

Se não lhe délle ,  
Compadecido ,  
Tanto soccorro  
O Deos Cupido ;  
Se não vivéra  
Huma esperança  
No peito seu ;  
Já morto estava  
O bom Ditceo.

Vê quanto pôde  
Teu bello rosto ;  
E de gozá-lo  
O vivo gôsto !  
Que , sôbmergido  
Em hum tormento  
Quasi infernal ;  
Porqu'inda espero ,  
Resisto ao mal .

## L Y R A XXVIII.

D E cete , vil humano ;  
Nao espremas cicutas  
Para fazer-me damno.

O gumo , que ellas dão , he pouco forte ;  
Procura outras bebidas ,  
Que apressem mais a morte .

Desce ao Reino profundo ,  
A junta ahí venenos ,  
Que nunca visse o mundo ;  
Traze o negro licôr , que tem nos dentes ,  
Nos dentes rorocidos  
As raivosas serpentes .

*Not. singular.*

Cachopo levantado ,  
Que pôz a natureza  
Dentro no mar salgado ,  
Não se abala no meio da tormenta ;  
Bem que huma onda , e outra onda  
Sobre elle em flor rebenta .

Arvore , que na terra  
As robustas raizes ,  
Buscando o centro , afferri ,  
Não teme ao furacão mais violento ;  
E menos , se se deixa  
Vergar do rijo vento .

Sou tronco , e rócha , ó bella ;  
Que açoita o Sul , que brama ,  
E o mar , que se encapella :  
Não temas que do rosto a cór se mude ;  
Vence ás róchas , e os troncos  
A sólida Virtude .

A maior desventura  
He sempre a que nos lança  
No horror da sepultura :

O cobarde a morrer também caminha;  
Com que males não pôde  
Huina alma como a minha ?

## L Y R A XXIX.

**E**U descubro procurar-me  
Gentil mancebo, e loiro;  
Trazia a testa adornada  
Com folhas de verde loiro.  
Vejo ser o Pai das Musas,  
E me entrega a lyra d'ouro.

Já basta, me diz, ó filho,  
Já basta de sentimento;  
O cançado peito exige  
Hum breve contentamento.  
Louva a formosa Marilia  
Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?  
A dôr não socega em tanto:  
Ergo a voz; então reparo:  
Que, quanto mais corre o pranto,  
He mais doce, e mais sonoro  
Meu ternoo, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos  
Na mão, que regia o braço;  
E depois de estar suspenso,  
De me ouvir hum largo espaço,  
Assim diz: o Deus Cupido  
Faz ainda mais, do que eu fago.

*Eu te dou a minha lira; b om , e fai a E  
Louva , louva a tua Belha ; b nre E  
Porém vé que Pa conheço misf chzque ; O  
Com condição , e cantellai ; b zom , mudi  
Eu lhe canto a voz , dizendo ; b o a fudol  
Que só canto em honra della . oh mol oh*

L.Y.R. A. XXX.

## O Pai das Musas,

## O Pastor loito

**Deo-me , Marilia ,**

## **Paul cantar-te**

A lyra de oiro.

**As cordas fio:**

## O brando vehto-

Tens dotes levá

#### Nas brancas azas

## Ao firmamento.

O teu cabello  
Vale hum thesoro ;  
Hum só me adorna  
A sábia frente  
Melhor , que o loiro.

Nesses teus albos  
Amor assiste ;  
Delles faz guerra ;  
Ninguem lhe foge ,  
Ninguem resiste.

Algumas vezes  
En o diríso  
Tão bem occulto  
Nas lindas córvas ,  
Que faz teu riso.

(\*) Nesses teus peitos  
Tem os seus ninhos  
Destros Amores ,  
Nelles se gerão  
Os Cupidinhos.

M. A. Na breve lira -

*Vences a Venus,  
Quando com arte  
As armas toma,  
Porque mais prende  
do fero Marte.*

*Sou da constância*      *que é de um dia*  
*Hum vivo exemplo:*      *de que o dia é*  
*E vós, ó ferros,*      *que é de dia*  
*Honrareisinda*      *que é de dia*  
*De Amor o Templo.*      *que é de dia*

o gênero m'ha sempre atraido, mas  
não tenho tempo de me dedicar a ele.  

---

Sexta-feira, 27 de Julho de 1829

## L Y R A XXXL

M. 29

Roubou-me, ó minha Amada, a forte  
impia.

Quanto de meu gozava

N'um só funesto dia.

Honras de maioral, maneda grossa,  
Fertil, extensa herdade,  
Bem reparada chôça.

Metteo-me nesta infame sepultura,  
Que he sepulchro sem honras,  
Breve mas morta, escura.

Aqui , ó minha Amada , nem consigo ,  
 Venha outro desgraçado  
 Sentir também comigo .

Mas se esta companhia não mereço ,  
 Os Deuses me dão outra ,  
 Inda de mais apreço .

Não he , não , illusão o que te digo ;  
 Tu mesma me acompanhás ;  
 Peno , mas he contigo .

Não vejo as tuas faces graciosas ,  
 Os teus soltos cabellos ,  
 As tuas mãos mimosas .

Se eu as visse , infeliz me não disterra ,  
 Bem que subíra ao Pctro ,  
 Bem que na Cruz pendéra .

Não ouço as tuas vozes magoadas,  
Com ardentes suspiros  
Às vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas:  
Huma por huma beijo,  
E choro então sobre elas.

Tu me dizes que siga o meu destino;  
Que o teu amor na auséncia  
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração aperto,  
De novo a molha o pranto,  
Que de ternura vertio.

Ah! leve muito embora o duro Fado  
A tudo, quanto tenho  
Com meu suor ganhado,

Eu juro que do roubo nem me queixe,  
Com tanto, ó minha cara,  
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão,  
Os que te amão, fômente  
Porque menos te ouvirão?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga;  
Que eu tenho aquella gloria,  
Que a mil felices nega.

## LYRA XXXII.

**S**E o vasto mar se encapella,  
 E na rócha em flor rebenta,  
 Grossa não , que não tem lémpe ,  
 Em vso sustentar-se intenta ;  
 Vé que naufraga, e corre  
 A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma belleza ,  
 Em que ponha o seu cuidado ;  
 Se o Cœo se cobre de nuvens ,  
 E se assopra o vento irado ,  
 Não tem forças , que resistão  
 Ao impulso do seu fado .

Nesta sombria ma'morra ,  
 Aonde , Marilia , vivo ,  
 Encosto na mão o rosto ,  
 Fico ás vezes pensativo .  
 Ah ! que imagens tão funestas  
 Me finge o pezar activo .

Parece que vejo a honra ,  
 Marilia , toda enlutada ;  
 A face de hum pai rugosa ,  
 N'um mar de pranto banhada ;  
 Os amigos m'cilentos ;  
 E a familia consternada .

Quero voltar os meus olhos  
 Para outro diverso lado ;  
 Vejo n'ua grande praça  
 Hum theatro levantado .  
 Vejo as cruzes , vejo os potros ;  
 Vejo o alfanche affiado .

Hem frío suor me cobre,  
 Lassão se os membros, suspiro;  
 Busco alívio ás minhas ancas;  
 Não o descubro, deliro.  
 Já, meu Bem, já me parece,  
 Que nas mãos da morte éspiro.

Vem-me então ao pensamento  
 A tua testa nevada,  
 Os teus meigos, vivos olhos,  
 A tua face rosada,  
 Os teus dentes crystallinos,  
 A tua bôca engracada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva;  
 Que a negra noite affugenta;  
 Qual o Sol, que a nevoa cípalha  
 Apenas a terra aquenta;  
 Ou qual Iris, que o Ceo limpa,  
 Quando se vê na tormenta.

Affim , Marilia , destérro  
Triste illusão , e demencia ;  
Faz de novo o seu officio ,  
A razão , e a prudencia ;  
E firmo esperanças doces  
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas ,  
Sôbc a viya cõr ao rosto ,  
Gyra o sangue pelas veias ,  
E bate o pulso composto :  
Vê , Marilia , o quanto pôde  
Contra os meus males teu rosto .

L Y R A XXXIII. *M 139*

Mori, ó minha Bella;  
Não foi a Parca impia,  
Que na tremenda róca,  
Sem ter descânço, fia:  
Não foi, digo, não foi a morte fia;  
Quem o ferro moveu, e abrio no peito  
A palpitante vêa.

Eu, Marilia, respiro;  
Mas o mal, que supporto,  
He tão tyranno, e forte,  
Què já me dou por morto:  
A insolente calúmnia depravada  
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua  
A venenosa espada.

Inda , ó bella , não vejo  
 Cadafalço enlutado ,  
 Nem de torpe verdugo  
 Braço de ferro armado ;  
 Mas vivo nesse mundo , ó forte impia ,  
 E delle só me mostra a estreita frésta  
 O quando he noite , ou dia .

M.J.

Olhos baços , sumidos ,  
 Macilento , descarnado ,  
 Barba crescida , e hirsuta ,  
 Cabello desgrenhado :  
 Ah , que imagem não digna de piedade !  
 Mas he minha Marilia como vive  
 Hum Réo de Magestade .

Venha o processo , venha ;  
 Na innocencia me fundo :  
 Mas não morrerão outros ,  
 Que davão honra ao mundo !

*M.J. fiel*

O tormento , minha alma , não recuzes ;  
 A quem sabio cumpriu as leis sagradas ,  
 Servem de solio ás cruzes .

Tu, Marilia, se ouvires,  
 Que ante o teu rosto afflito  
 O meu nome se ultraja  
 C' o supposto delírio,  
 Dize severa assim em meu abono:  
*Não tóma as armas contra hum sceptro justo*  
*Alma digna de hum throno.*

## L Y R A XXXIV.

V Ou-me, ó Bella, deitar na dura cama;  
 De que nem se quer sou o pobre dono:  
 Estende sobre mim Motteo as azas,  
 E vem ligéiro o sono.

C's sonhos, que rodezo a fatimba;  
 Mil cousas vão pintar na minha idéa;  
 Não pintão cada falçô, não, não pintão  
 Nem huma imagem fia.

Pintão que estou bordando hum teu vestido ;  
 Que hum menino com azas , cégo , e loiro ,  
 Me enfa nas agulhas o delgado ,  
 O brando fio de ouro.

Pintão que entrando vou na grande Igreja ;  
 Pintão que as mães nos damos , e aqui vejo  
 Subir-te á branca face a cõr mimosa ,  
 A viva cõr do pejo.

Pintão que nos conduz doirada sege  
 A' nossa habitaçáo ; que mil amores  
 Desfolhão sobre o leito as molles folhas  
 Das mais cheirosas flores.

Pintão que dessa terra nos partimos ;  
 Que os amigos saudosos , e suspensos  
 Apertão nos inchados , roxos olhos  
 Osujá molhados lenços.

Pintão que os mares sulco da Bahia ,  
 Onde passei a flor da minha idade :  
 Q' descubro as palmeiras , e em dois bairros  
 Partida a gram Cidade.

*Pintão leve e magro e que na plancha  
 Os braços id te aperto reverente  
 Que te aponta com o dedo, mal te avista,  
 Amontada gente.*

Aqui, alerta, grita o mão soldado;  
 E o outro, alerta effeu, lhe diz, gritando:  
 Acordo com a bulha, então conheço,  
 Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores,  
 A ver-me delinquente, réo de morte,  
 Não sonhára, Marilia, só contigo  
 Sonhára de outra sorte.



## LYRA XXXV.

SE lá te chegarem  
 Aos ternos ouvidos  
 Fluns tristes gemidos,  
 Repara, Marilia,  
 V erás, que são meus.  
 Ah! da-lhes abrigo,  
 Marilia, nos peitos;  
 Aqui os conserva  
 Em laços estraílos,  
 Unidos aos teus.

O vento ligeiro,  
 De ouvilos movido,  
 Os pede a Cupido,  
 Que a todos apanha,  
 E lá nos vai pôr  
 Ah , não os desprezes;  
 Porque se confira  
 O Ceo em meu dâmino ,  
 E a gloria me tira  
 De honrado Pastor.

Tem estes suspiros  
 Motivo dobrado :  
 Perdi o meu gado ;  
 Perdi , que mais vale ,  
 O bem de te ver.  
 Se os não receberes  
 Amanh por ora ,  
 Por serem de hom triste ,  
 Os deves , Pastora ,  
 Por honra acolher,

Virá, minha bella,  
Virá huma idade,  
Que, vista a verdade,  
Gostosa me enregues  
O teu coração.

Os crimes Jeshonrão,  
Se são existentes;  
Os ferros, q' opprimem  
As mãos innocentas,  
Infames não são.

Chegando este dia,  
Os braços daremos:  
Então mandaremos  
De gôsto, e temura  
Sussírios aos Ceus.

Por-me-háo no sepulchro  
A honrosa inscripção:  
*Se teve delito,*  
*Só foi a paixão,*  
*Que a todos faz réos.*

## L Y R A XXXVI.

**N**ão has de ter horror , minha Marilia ,  
 De tocar pulso , que soffreo os ferros ;  
 Infames impostores mos lançarão ,  
 E não puniveis erros.

Esta mão , esta mão , que só parece ,  
 Ah ! não foi huma vez , não foi só huma ,  
 Que em defeza dos bens , que são do Estado ,  
 Moveu a sábia pluma .

He certo , minha amada , sim he certo  
 Que eu aspirava a ser de hum Reino o dono ;  
 Mas este grande imperio , que eu firmava ,  
 Tinha em teu peito o throno .

A's forças , que se oppunhão , não batião  
De grossa peça , de mosquete os tiros ;  
Só erão minhas armas os foleços ,  
Os rogos , e os suspiros.

De cuidados , disvellos , e finezas  
Formava , ó minha bella , os meus guerreiros ;  
Nio tinha no meu campo estranhas tropas ;  
Que amor não quer parceiros.

Mas pôde ainda vir hum claro dia ,  
Em que estas vis algemas , estes laços  
Se mudem em prizões de allívio cheas  
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi : Eu sou Monarca ;  
Dous leis , que be mais , n'um coração divino ;  
Solio , que erguen o gósto , e não a força ,  
He que be de apreço dino.

## L Y R A XXXVII.

**M**eu sonoro Passarinho,  
 Se sabes do meu tormento,  
 E buscas dar-me, cantando,  
 Hum doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,  
 Se me queres ser propicio;  
 Eu te dou em que me faças  
 Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe,  
 Procura o Porto da Estrella,  
 Sóbe á ferrá, e se cançares,  
 Descança n'um tronco della,

M. J. = no metro C.

Toma de Minas a estrada;  
Na Igreja nova, q/ que fica  
Ao diteito lado, e segue  
Sempre firme a Villa Rica.

Entra nesta grande terra,  
Passa huma formosa ponte,  
Passa a segunda; a terceira.  
Tem hum palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta  
Huma rasgada janela,  
He da falla, aonde assiste  
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres,  
Eu te dou os sinaes todos  
Do seu gesto, do seu talhe,  
Das suas feições, e modos.

O seu semblante he redondo,  
 Sobrancelhas arqueadas,  
 Negros , e finos cabellos ,  
 Carnes de neve - formadas.

A bôca risonha , e breve ;  
 Suas faces côr de rosa ,  
 N'uma palavra , a que vires  
 Entre todas mais formâfa;

Chega entao seu amado  
 Dize que son quer te mando  
 Que vivo nesto Maramorim  
 Mas son alivio perando

F. I. M.

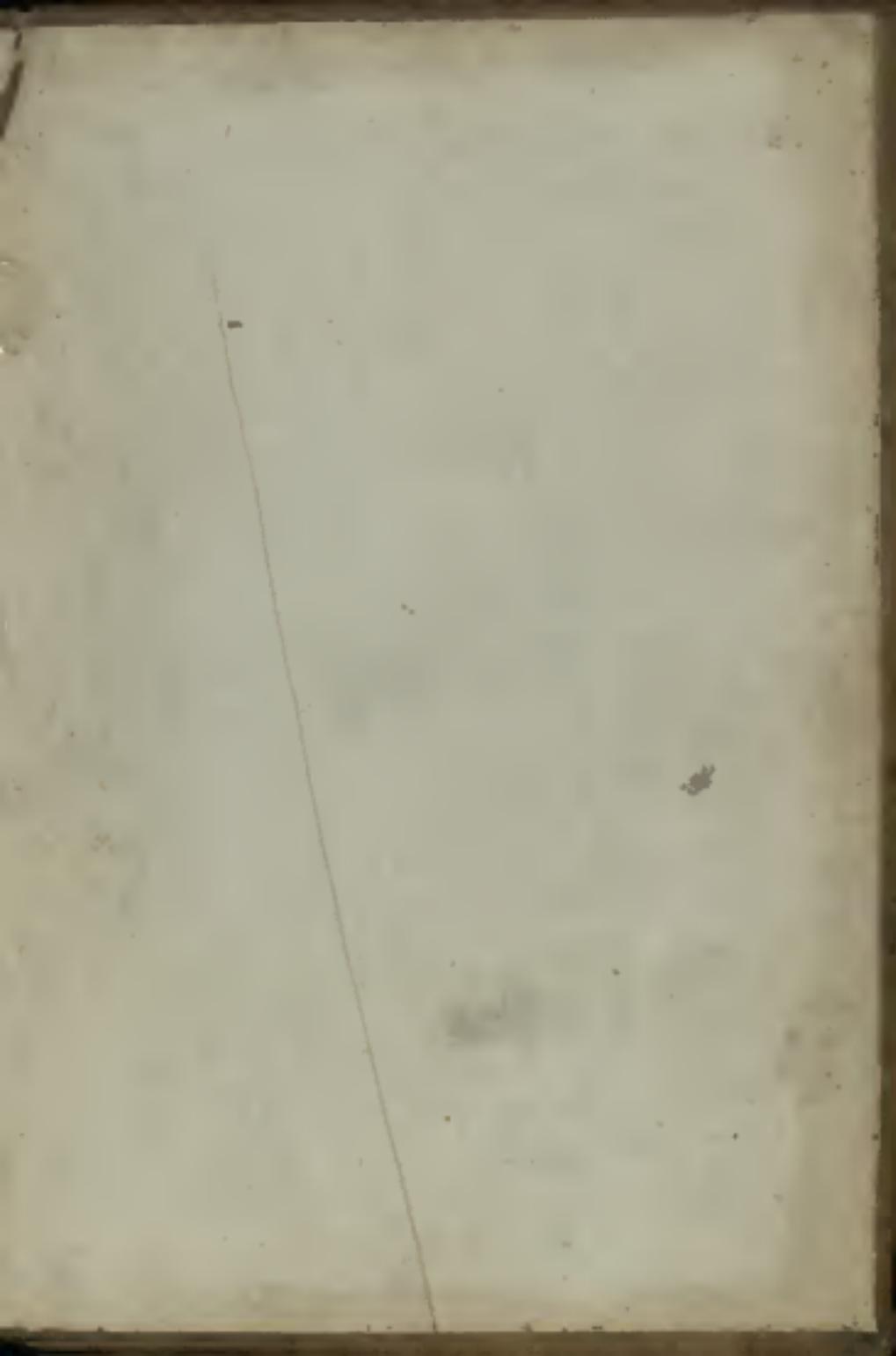


Index.

|    |  |              |
|----|--|--------------|
| 4  | Ia não cingó de Lorio a minha testa      | - 2          |
| 3  | Cypoma a vil calunnia muito embora       | - 6          |
| 4  | Succede Marilia bella                    | - - - - - 9  |
| 5  | Ia, já me vai Marilia tranquijando       | - 11         |
| 6  | Os massas, minha bella, não se movem     | - 13         |
| 8  | De que te quivais                        | - - - - - 15 |
| 9  | Meu prezado Glaucesto                    | - - - - - 18 |
| 10 | Eu vix, ó minha bella, aquelle Numan     | - 20         |
| 11 | A estas horas                            | - - - - - 23 |
| 13 | Arde o velho barril, arde a cabeca       | - 27         |
| 12 | Se acaso não estou no fundo Avorno       | - 30         |
| 14 | Ah! Marilia, que tormento                | - - - - - 32 |
| 15 | Vix, Marilia, hum cordeliro              | - - - - - 35 |
| 16 | Alma digna de mil Avón Augustos          | - 37         |
| 18 | Eu, Marilia, não fui nenhum vagabundo    | - 40         |
| 17 | Vix, Marilia                             | - - - - - 44 |
| 20 | Bisco te deixa, ó bella,                 | - - - - - 48 |
| 21 | Não móthe, Marilia                       | - - - - - 51 |
| 22 | Nesta triste masmonha                    | - - - - - 53 |
| 23 | Se me vives com tui other                | - - - - - 55 |
| 24 | Que díveras que sã, Marilia, as horas    | - 60         |
| 25 | Por morte, Marilia                       | - - - - - 63 |
| 26 | Não praguejor, Marilia; não praguejor    | - 66         |
| 27 | Eu vix, Marilia, vou brigas co' as feras | - 68         |
| 28 | Minha Marilia                            | - - - - - 70 |
| 29 | Aquelle aquom fez cego a natureza        | - 70         |
| 30 | A minha Amada                            | - - - - - 78 |
| 31 | Detem-te vil humano                      | - - - - - 82 |

|  |     |
|--|-----|
| 32 Eu descubro procurar-me               | 85  |
| 33 O Pai das Aguas                       | 86  |
| 34 Ronbou-me, ó minha amasa, adotei dura | 89  |
| 35 Se o vento mar se encapula            | 93  |
| 2 Morri, ó minha bolla,                  | 97  |
| 7 Voume ó bolla ditar na dura cama       | 99  |
| 19 Se lá te chegarem                     | 101 |
| 36 Não haverá ter horro, minha Marilia   | 104 |
| 37 Meu sonho passarinho                  | 106 |





15